

Centenário de Nascimento de Mário Sette

Hilton Sette

Em 19 de abril próximo, comemora-se o Centenário de Nascimento não só de meu pai, Mário Sette, como de minha mãe, Maria Laura Maia Sette. Ele nasceu às 6 horas da manhã, em casa de meus avós paternos, Antônio Rodrigues Sette Júnior e Ana Emília Luna Sette, na Rua Princesa Isabel. Ela, às 6 horas da noite, na residência de meus avós maternos, Antônio Bruno da Silva Maia e Francisca Olímpia as Silva Maia, na Ponte Uchoa.

Uma terceira criança, o futuro e consagrado poeta pernambucano, Manuel Bandeira, veio ao mundo naquele 19 de abril de 1886. E o curioso é que os três recém-nascidos foram aparados pela mesma assistente, a parteira D. Antônia Wright. “Wright” por parte do marido, um inglês casado com uma senhora de “cor”.

Mamãe Totônia, como aprendi chamá-la, aparou também a mim e a meus dois irmãos. E dorme hoje num jazigo do Cemitério de Santo Amaro, onde não me esqueço de levar-lhe uma flor, todos os anos, no Dia de Finados.

Em “Memórias Íntimas”, meu pai minudencia a sua infância vivida numa espaçosa casa sita à Avenida Riachuelo, esquina da Sete de Setembro, evocando costumes, figuras humanas de parentes e serviçais, carnavais, procissões quaresmais, duas viagens realizadas à Europa e, principalmente, a aproximação da sua família com a da futura esposa com quem muito brincou e passearam juntos.

Mário Sette foi alfabetizado em casa por familiares e fez um bom Curso Primário com seu avô materno, Antônio Rufino de Andrade Luna, notável Mestre e Educador pernambucano. Aos onze anos de idade, ele ficou órfão e a mãe viúva levou-o para morarem em companhia do Papai Luna, então, residindo em Santos. Lá, Mário Sette estudou com o seu primo e, igualmente renomado, Mestre José Antônio Gonçalves de Melo.

Em razão das segundas núpcias de minha avó, a família transferiu-se para o Rio de Janeiro e meu pai passou a ser o número 22 no Internato do Colégio Loureiro. Nesse Colégio, ele aprofundou seus estudos alcançando o Curso Secundário, prestando os devidos exames Preparatórios Parcelados no Colégio Pedro II. Até os quinze anos, Mário se preparou solidamente e obteve aprovação nos exames das disciplinas de Português, Francês, Aritmética, Geografia e História. Adquiriu, também, razoáveis conhecimentos, do que se chamava, então, “Lições de Coisas”, abrangendo um pouco da Física, da Química e da História Natural.

Adolescente aos 15 anos, constrangido pelo clima de desentendimento com o padrasto e remido pela saudade de Pernambuco, o jovem Mário Sette não vacilou em abandonar as atrações e o progresso da Capital Federal para voltar ao Recife. E o fez em 1901. Contudo, ele não trazia o número de Preparatórios exigidos no vestibular da Academia de Direito e nem a sua probidade moral permitiria que recorrer-se ao outro expediente. Assim, meu pai não se diplomou em Curso Superior. No entanto, como autodidata, ombreou-se com os que possuíam as melhores culturas humanísticas de seu tempo.

Hilton Sette, Minha História

Apontamentos Autobiográficos

Novamente em Recife, Mário Sette foi residir com o tio Enedino, irmão de seu pai, e começou a trabalhar servindo de “quati” da Alfândega. Depressa se ambientou ao meio social contemporâneo, juntando-se aos estudantes de Direito da então chamada Academia de Direito e fazendo ponto todas as noites no Café 15 de Novembro do Crispim, na Rua do Imperador. Bem como frequentava a porta da Livraria Francesa todas as tardes, na Rua do Crespo, hoje, Primeiro de Março. Foi lá onde avistou e reconheceu, já também mocinha, aquela que havia sido a sua “namoradina” de criança.

De 1901 a 1907, meu pai participa da boemia recifense da época. Em paralelo, vive o seu crescente namoro e apaixonado noivado com minha mãe, gozando a liberdade de frequentar a casa dela com ajuda do futuro cunhado e amigo Oscar Maia e com o beneplácito maternal da futura sogra.

Com residência em Casa Amarela, ele gostava de passar dias e até semanas na companhia da avó, sua Dindinha Felícia e de suas tias Iaiá e Neném. Frequentava reuniões de clubes sociais, tendo sido sócio fundador do Clube de Alegorias e Críticas “Nove e Meia” do Arraial, reunindo habitues da última maxambomba noturna, que os levava de volta aos lares na Linha de Casa Amarela. E, também, sócio fundador da primeira Diretoria do Sport Clube do Recife. Guardo carinhosamente a sua carteirinha de sócio fundador do Sport e não compreendo porque seus dois filhos, eu e Hoel, desde a mais tenra idade, tornamo-nos alvirrubros “doentes”.

O casamento teve lugar a 29 de junho de 1927 e o casal foi morar na Rua do Benfica, perto do Sobrado Grande da Madalena. Dessa primeira residência até a última, onde faleceu, a Família Mário Sette, como, aliás, era de costume, habitou em 22 casas alugadas e em 02 casas próprias durante quarenta e dois anos. Em Olinda, vivemos cerca de 11 anos habitando três residências. Em Recife, nos bairros: Boa Vista, Madalena, Capunga, Casa Amarela, Várzea, Espinheiro e Rosarinho.

O sonho de meu pai era possuir uma casa própria construída de acordo com a sua preferência e noção de estética, de pitoresco, de conforto e de bem-estar. Ele conseguiu ao edificar em terreno próprio, na Rua Neto de Mendonça 63, antigo Rosarinho, uma agradável residência de estilo colonial, rodeada de jardins à moda antiga, onde passou a morar desde 1941 e onde vieram a falecer, ele a 25 de março de 1950 e ela a 16 de outubro de 1974.

De uma perfeita e feliz vida conjugal, houve três filhos. O primeiro, Hoel, nascido a 19 de dezembro de 1908 e falecido a 29 de maio de 1912. O segundo, Hilton Sette¹, eu mesmo, que vim ao mundo a 30 de julho de 1911, bacharel em Direito, professor e escritor. E o terceiro, Hoel Sette, meu companheiro de infância, juventude e maturidade, médico e professor, nascido a 19 de fevereiro de 1914 e falecido a 21 de janeiro de 1963.

O escritor Mário Sette embrionariamente se iniciara na arte de escrever como redator do Jornal estudantil “A Semana”, quando aluno interno do Colégio Loureiro, no Rio de Janeiro. Ao voltar ao Recife, durante o tempo de solteiro, colaborou, intensamente, em dois jornalecos humorísticos e maliciosos “A Pimenta” e “Besouro”. Também escreveu e publicou ora em “A Província”, ora no “Diário de Pernambuco”, sonetos românticos alusivos e dedicados à namorada. Ele conta, em “Memórias Íntimas”, sua surpresa ao ver publicado na primeira página

¹ Hilton Sette faleceu em 20 de dezembro de 1997.

Hilton Sette, Minha História

Apontamentos Autobiográficos

de uma edição de domingo do Diário de Pernambuco, o seu soneto “Teus Olhos”, oferecido à noiva.

Ao se casar, meu pai era funcionário do escritório da Companhia Ferroviária Great Western. Posteriormente, trabalhou para a Companhia de Tecidos Paulista, numa época em que essa empresa inaugurava as primeiras lojas Paulista, hoje, Casas Pernambucanas. Em 1909, fez Concurso Público e foi nomeado para cargo inicial de carreira Praticante da 1ª Classe dos Correios de Pernambuco, juntamente com uma plêiade de jovens talentosos entre os quais Mário de Souza, mais tarde Advogado e Mestre da Faculdade de Direito; Anibal Bruno de Oliveira Firmo, depois famoso Criminalista; Alcino Coelho, futuro Professor de Geografia e Cosmografia do Ginásio Pernambucano e Paulino de Andrade, Professor e Educador.

Ao se tornar Funcionário Público, assumindo redação à máquina de toda a correspondência oficial da repartição, mas cumprindo um expediente apenas de seis horas de serviço, sobrou-lhe tempo e estímulo para mais se dedicar às letras. Tomé Gibson abriu-lhe as portas do “Jornal Pequeno”, onde passou a assinar com o pseudônimo “Marcelo” a coluna diária sob o título de “Cinema”. Depois, passou assinar com o próprio nome a coluna “Registando”. Trabalhou no corpo redacional do “Diário de Pernambuco”, na função de tradutor de telegramas e começou a colaborar amiúde na então famosa e moderna revista “Fonfon”.

Desde adolescência, tinha principal lazer a leitura de toda a literatura luso-brasileira. Encontrando facilidade de importar através do Correio, passou a comprar à *Librairie Le Vasseur* de Paris, as obras completas de Zola, Loti, Maupassant, Flaubert, Victor Hugo, Daudet, Flamarion, Michelet... Livros que muito influenciaram na sua formação literária. Obras que guardo em minhas estantes e que, também, muito me orientaram na arte de escrever.

É assim evidente a contribuição da Cultura Francesa na formação espiritual e intelectual de meu pai. Tanto o foi que ao estalar a Primeira Guerra Mundial, de pronto a sua pena viu-se mobilizada através da imprensa em defesa da Pátria de Chateaubriand, invadida pelos soldados do Kaiser. E os seus artigos, as suas crônicas, os seus contos traziam no estilo, no fraseado, no linguajar, na adjetivação, no uso de galicismo e até nos temas, uma considerável influência dos escritores franceses nessa sua primeira fase de ficcionista.

Há mesmo um conto “O Verbo” incluído no “Ao Clarão dos Obuses” que, longe de ser um plágio, lembra muito o de Alfonse Daudet em “Les Contes de Landu”, quando focaliza a tentativa frustrada dos alemães em germanizar a Alsácia e Lorena, então, sob o domínio deles em consequência da Guerra de 1870.

“Ao Clarão dos Obuses”, o livro de estréia de Mário Sette, com Prefácio do General Dantas Barreto, apareceu em fins de 1916 e logrou duas edições, ambas financiadas pela Liga Pernambucana Pró-Aliados, de que era fundador e um dos diretores. Seu livro foi vendido em benefício das vítimas da conflagração européia.

1918 foi o ano de “Rosas e Espinhos”, uma coletânea de contos com temas e cenários regionais com bonita capa litografada, reproduzindo um desenho de Heitor Maia Filho, em três edições, sendo as duas primeiras custeadas pelo autor e a terceira lançada em formato de livro de bolso pela Editora de Monteiro Lobato.

Hilton Sette, Minha História

Apontamentos Autobiográficos

Essas duas obras literárias de meu pai mereceram boa acolhida tanto nos balcões das livrarias como nos comentários da imprensa. Os críticos, embora elogiosos, não deixavam de referir-se à acentuada influência da Escola Francesa.

O “Senhora de Engenho”, em princípios de 1921, marcou a consagração de Mário Sette na literatura nacional. Esse romance constituiu verdadeiro “best seller”, divulgado em sete edições sucessivas. A primeira edição foi esgotada em quinze dias no Recife. A segunda apareceu dois meses depois e a terceira teve uma tiragem de 5.000 exemplares pela editora de Monteiro Lobato. O romance fotografa a vida campesina dos moradores da casa-grande e de um banguê da época. Seu texto, não obstante adjetivação e galicismos usados, já demonstra a intenção do autor em abrigar o modo de se expressar literariamente. Desde então, progressivamente, o escritor Mário Sette foi desenvolvendo autenticidade na imagem e expressão, conquistando um estilo próprio e inconfundível.

A Década de Vinte foi das mais fecundas à produtividade literária de Mário Sette. Em 1921, também, “O Palanquim Dourado”, romance histórico comemorativo do centenário do movimento de 1820 que culminou com a Convenção de Beberibe e a deposição do último governador português. Em 1922, o livro de contos dialogados: “Quem Vê Cara...”. Em 1923, o romance caruaruense “A Filha de Dona Sinhá”. Em 1924, o romance “O Vigia da Casa Grande”, que ganhou Prêmio da Academia Brasileira de Letras, refere-se ao cotidiano dos trabalhadores do eito, naquela fase de transição entre o patriarcalismo e o paternalismo. Em 1925, o livro didático com parábolas infantis “Velhos Azulejos”. Em 1926, a coletânea de contos “Sombras de Baraúnas” e o “Terra Pernambucana”. Em 1927, outro livro didático “Moral e Civismo”, as novelas de “João Ignácio” e o romance “A Mulher do Meu Amigo”. Em ‘28 e 1929, dois romances, um passado em Recife “As Contas do Terço” e outro, numa cidade do agreste “A Mulher do Meu Amigo”.

Em 1925, meu pai ingressou no magistério particular, lecionando no então Carneiro Leão, a disciplina Instrução Moral e Cívica. E até pouco antes de adoecer², ministrou os ensinamentos de História da Civilização, História do Brasil e Língua Francesa em inúmeros educandários, entre os quais o Santa Margarida, Colégio Padre Félix, Escola Pinto Júnior, Colégio Oswaldo Cruz, Colégio Vera Cruz, Colégio de São José e a Faculdade de Filosofia do Recife.

No decorrer dos Anos Trinta e Quarenta, as obras de ficção cedem lugar as de reconstrução histórica social e pitoresca do Recife dos fins do século passado e começo do atual (referente ao século XX). Apenas dois romances foram publicados “Seu Candinho da Farmácia” e “Os Azevedos do Poço”. Depois, vieram as crônicas de evocação do Recife antigo: “Maxambombas e Maracatus”, “Anquinhas e Bernardas”, “Barcas a Vapor”, “Onde os Avós Passaram” e “Arruar”.

A essa numerosa obra literária, somam-se todas as suas publicações em jornais e revistas brasileiras, argentinas, portuguesas e francesas. Após sua morte, apareceram como edições póstumas: “Toque de Recolher” e “Memórias Íntimas” e como reedições: “Arruar”, “Maxambombas e Maracatus”, “Terra Pernambucana”³.

² O escritor Mário Sette faleceu a 25 de março de 1950. Ele foi vítima de um tumor cerebral.

³ Recentemente, a Companhia Editora de Pernambuco (CEPE), em uma coleção “Os Velhos Mestres do Romance Pernambucano”, reuniu uma coletânea de obras de Mário Sette em dois volumes: “Romances Urbanos” e “Romances Rurais”, publicados em 2005.

Hilton Sette, Minha História

Apontamentos Autobiográficos

Meu pai manifestava enraizado apego à família, aos escritos e à Terra natal. O seu cotidiano consistia em despertar-se, tomar café, ler jornais muito cedo, rascunhar os seus trabalhos em cadernos escolares, antes do chuveiro, e sair para o Correio ou para suas atividades docentes. Ele voltava para casa ansioso por se sentir junto aos seus e estar em seu gabinete rodeado dos seus livros, diante de sua máquina de escrever, onde passava a limpo o rascunhado de manhã cedo.

Com o evento dos receptores radiofônicos, acrescentou a seus hábitos a distração noturna de ouvir as estações locais. A Mairinque Veiga, a Nacional e a Tupi do Rio, a Difusora de São Paulo e as portenhas. Entusiasmou-se tanto com o rádio que, nos últimos anos de vida, escreveu e organizou, com Luis Bandeira, programas folclóricos ou evocativos do Recife antigo para o Rádio Jornal do Comércio.

No temperamento de Mário Sette, são traços marcantes as suas excessivas modéstias, sensibilidade e afetividade. Meu pai sempre foi um homem simples, manso, afável, cordato e comunicativo. Despido de qualquer preconceito racial, social, político e religioso; sobretudo, modesto e humilde.

Nunca correu atrás de honrarias, homenagens e mordomias. Sempre preferiu o recato, a penumbra, o anonimato das platéias ao foco dos refletores e aos palcos iluminados do exibicionismo. Por isso, para muitos, um esquivo, um misantropo, um encaramujado no lar. Fugia das altas rodas sociais, não se sentia bem em ambientes cerimoniais. Fazia vida social com os parentes e pequeno grupo de amigos de fé.

Um certo Governador do Estado, intelectual como ele, num encontro acidental, convidou-o a frequentar as rodas palacianas. Meu pai, embora tivesse apreciado o honroso convite, num comentário muito seu para os familiares, disse-nos: “Não sou homem para ir tomar cafezinho em Palácio...” É bem possível, ele próprio o admitia, que esse seu espírito evangélico de preferir os “últimos lugares” tenha sido a causa de ter sido esquecido pelo Poder Público para ocupar função ou cargo de maior realce, condizente com o seu valor intelectual e seus méritos de escritor consagrado nas Letras Nacionais.

Outro característico da personalidade de meu pai era sua hiper sensibilidade emotiva. Manso e cordato, sim, mas altivo. O amor próprio à flor da pele. A consciência do próprio valor moral da vida limpa e transparente, do lugar ao sol, alcançado por seus próprios esforços e através de um caminho nem sempre de rosas, mas honesto e sem trambiques. Ninguém lhe pise nos calos, ou melhor, ninguém pretendesse diminuí-lo, menosprezá-lo ou humilhá-lo em seus valores morais ou intelectuais.

Outra faceta da sensibilidade de meu pai se constata no sentimento de gratidão que devotava a todo aquele que lhe prestava uma ajuda ou benefício. Não os esquecia através duma amizade sincera e leal, sempre que podia manifestando o seu agradecimento.

A sensibilidade provocava-lhe a emotividade. Meu pai chegava facilmente às lágrimas. Quer nos momentos de grande alegria, como diante da dor e da aflição. Bastava uma partida com despedida dos filhos e dos netos e percebia-se lhe os olhos cheios de lágrima.

Outra manifestação de emotividade está no quase prazer de curtir, em vez de carpir, saudades. Ele gostava de lembrar, recordar, evocar, reconstituir no pensamento e em forma

Hilton Sette, Minha História

Apontamentos Autobiográficos

literária o passado vivido em diferentes épocas e representado por lugares, ambientes, figuras humanas, costumes, episódios, momentos felizes... Grande a sua preocupação em guardar ou conservar tudo quanto mais tarde puder lhe suscitar recordação e saudade. Em redor dele e em suas gavetas e armários, móveis, quadros, *biscuits*, imagens, fotografias, cartas, livros até pedras, símbolos, relíquias de uma era, um acontecimento doméstico, uma pessoa querida, uma viagem, algo que ficou para trás... Quem folheia os livros de sua biblioteca, facilmente encontrará, entre as páginas, registros de santinhos, bilhetes ou garatujes de um filho ou neto, papéis de folhinha assinalando uma efeméride.

Um estranho sentimento de saudade, porém, que não nos permite chamá-lo de retrógrado ou pelo menos de um conservador radical. Muito pelo contrário, meu pai aplaudia e era entusiasta de todo progresso que proporcionava maior conforto, melhor condição sanitária ao crescente desenvolvimento urbano de sua Cidade. Assim lamentou a destruição e descaracterização do antigo bairro do Recife, mas regozijou-se com a construção do Porto. Rende, ainda hoje, homenagem às maxambombas e aos lampiões a gás, mas alegra-se com o serviço dos bondes elétricos e iluminação elétrica domiciliar. Acompanhou com interesse a evolução tecnológica da reprodução do som, desde os antigos gramofones até as vitrolas ortofônicas de seu tempo. Vibrou com o evento da radiodifusão, tornando-se escravo até altas horas da noite de seu receptor de escuta das estações cariocas, paulistas e portenhas. E mais tarde um radialista ativo na composição de programas “A Hora de Saudade” da Rádio Jornal do Comércio.

Tinha meu pai, sim, saudade de um Recife que continuasse a ser o que era antes, mas por haver deixado de ser a cidade de sua meninice e juventude.

Hilton Sette (Recife,1986)⁴

⁴ Revisão textual realizada pela Prof^a. Hílcia Maria Sette Melo Rêgo.